



7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 23 de abril de 2025

Bolsas Na terça-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na terça-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na terça-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,63% São Paulo	2,66% Nova York	R\$ 5,728 (-1,3%)	R\$ 1.518	R\$ 6,543	14,15%	14,39%	Novembro/2024 0,39 Dezembro/2024 0,52 Janeiro/2025 0,16 Fevereiro/2025 1,31 Março/2025 0,56

CONTROLE DA INFLAÇÃO

O presidente do Banco Central admitiu que o papel da autoridade monetária não agrada, mas alertou que a alta dos preços está disseminada, em uma economia bastante aquecida. Falando a senadores, ele destacou que o IPCA está acima do teto da meta

Para Galípolo, BC é “o chato da festa”

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

Saulo Cruz/Agência Senado



Em audiência convocada pelo presidente da CAE, Renan Calheiros, Galípolo ouviu crítica de senadores à política de elevação dos juros

O presidente do Banco Central (BC), Gabriel Galípolo, alertou ontem, em audiência na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado, que a inflação no país ainda está “bastante disseminada” e acima da meta. Por isso, afirmou que o BC tem precisado atuar como um “chato da festa”, ao elevar a taxa básica de juros (Selic), para conter as pressões inflacionárias em meio a uma economia ainda aquecida.

“Quando a festa está ficando muito aquecida e o pessoal está subindo em cima da mesa, tira a bebida da festa. Mas também quando o pessoal está querendo ir embora, você fala: ‘Fiquem, está chegando mais bebida, fiquem tranquilos, vai ter música, podem continuar na festa’. Então, você tem esse papel meio chato de ser o cara que está sempre na contramão”, justificou Galípolo.

Na audiência, convocada pelo presidente da CAE, senador Renan Calheiros (MDB-AL), Galípolo mencionou indicadores que demonstram o aquecimento da economia, como os níveis de desemprego, crédito, venda de veículos, o desempenho da construção civil e a renda das famílias. “A inflação acima da meta está bastante disseminada, ela também não é algo pontual. Tanto que quando olhamos para o IPCA para os segmentos mais voláteis, administrados ou alimentação domicílio, conseguimos enxergar uma inflação que está bastante acima da meta, fora, inclusive, da banda superior da meta, disseminada por diversos produtos, sejam bens industriais, sejam serviços, seja através do IPCA ou administrados ou alimentação a domicílio”, declarou.

Para a inflação de 2025, a estimativa do mercado passou de 5,65% para 5,57%. A busca pela meta refere-se a uma inflação de 3%, com intervalo de tolerância de menos 1,5 ponto percentual para mais ou para menos. Essa meta é fixada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN).

Guerra comercial

Galípolo abordou possíveis prejuízos ao Brasil decorrentes da intensificação da guerra comercial entre Estados Unidos e China. Ele avalia que esse conflito tarifário pode levar a uma desaceleração econômica

global mais acentuada do que o previsto. Segundo o dirigente, o cenário internacional conturbado tem sido o principal fator de influência sobre os preços de mercado no Brasil e no mundo.

Ele alertou para um possível aumento da aversão ao risco, com investidores buscando ativos mais seguros, o que poderia causar fortes alterações no fluxo global de capitais. “Estamos em um ambiente de elevada incerteza sobre o que pode ocorrer e quais as consequências na aplicação das tarifas”, observou.

Apesar da instabilidade,

Galípolo manifestou otimismo em relação à possibilidade de o Brasil se destacar diante de outros países emergentes. “A diversificação que o Brasil possui em sua pauta comercial, somada a um mercado doméstico relevante, passou a apresentar o país como um local de proteção. Na comparação com seus pares, o Brasil pode se destacar justamente por essa diversidade”.

Atuação do BC

Economistas ouvidos pelo **Correio** apresentaram diferentes análises sobre o comportamento do BC, ao elevar os juros.

Enquanto André Sacconato, professor de economia na Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (Fipe), vê a postura do BC como uma ação necessária para evitar um colapso futuro causado pelo excesso de demanda e de gastos fiscais, o economista Geraldo Bisoto, que leciona na Universidade Estadual de São Paulo (Unicamp), critica a atual taxa de juros e classifica a meta de inflação estabelecida pelo CMN como “incompatível” à realidade brasileira e prejudicial à economia real.

Para Sacconato, a analogia do “chato da festa” utilizada por Galípolo é adequada. Ele avalia que

o Banco Central é “o único na festa (na economia)” que tem a visão de que, se o ritmo atual de aquecimento continuar, a economia sofrerá consequências a longo prazo.

Sacconato aponta que os índices de inflação mostram que o setor de serviços está “muito aquecido” e que é ele o “termômetro da demanda”.

“O aquecimento contínuo dos serviços é um sinal claro de excesso de demanda na economia brasileira, impulsionado principalmente pelo fiscal e é o motivo central pelo qual o Banco Central precisa manter uma política monetária mais restritiva para controlar a inflação no longo prazo”, afirmou o professor da Fipe, que diminuiu o impacto inflacionário do setor de varejo. “Produtos como café aumentaram de preço por causa de fatores ambientais, não do lado fiscal”, explicou.

Crítico da atual política monetária, o economista Geraldo Bisoto classifica a taxa de juros real de “quase 9% ao ano” como “absolutamente incompatível com qualquer economia razoável” e sem “par no mundo” exceto em países muito pequenos e dolarizados.

“A economia brasileira não é assim. A economia aqui é mais complexa”, explicou.

Bisoto criticou a meta de inflação de 3% para uma economia “complexa” como a brasileira. Ele sugeriu que 4% seria mais adequado devido aos frequentes movimentos de preços relativos, como os de commodities agrícolas.

Além disso, o professor da Unicamp aponta que essa alta taxa de juros forma “grandes fortunas” para quem está no mercado financeiro. “Com juros de 9% de juros real ao ano, os títulos públicos da dívida se tornam muito atrativos”, finalizou.

EFEITO TRUMP

FMI reduz projeção de PIB

» ROSANA HESSEL

A guerra tarifária deflagrada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tem feito as projeções do mercado para o crescimento da economia global encolherem de forma generalizada, especialmente neste ano. E, ontem, foi a vez de o Fundo Monetário Internacional (FMI) anunciar as novas projeções, que foram reduzidas em relação às estimativas anteriores, feitas antes de o republicano assumir o comando da maior economia do planeta.

No relatório Panorama Econômico Mundial (WEO, na sigla em inglês), divulgado ontem, o FMI passou a prever avanço de 2,8% no Produto Interno Bruto (PIB) global, neste ano, dado abaixo dos 3,3% previstos em janeiro, na atualização do WEO de outubro, quando a estimativa para a expansão global era de 3,2%.

O Fundo ainda revisou de 3,2% para 1,7% a previsão de crescimento do comércio mundial, neste ano, e elevou de 4,2%

para 4,3% a projeção para inflação global. Ao explicar aos jornalistas as novas projeções do WEO, Pierre-Olivier Gourinchas, economista-chefe do FMI, informou que a economia global entrará em uma “Nova Era”, em meio a tensões comerciais e alta incerteza política, e, conseqüentemente, com desafios que precisarão ser enfrentados pelo caminho.

“O sistema econômico global sob o qual a maioria dos países operou nos últimos 80 anos está sendo redefinido, conduzindo o mundo a uma nova era. As regras existentes são desafiadas enquanto novas ainda estão por surgir”, afirmou. Ele lembrou que a taxa tarifária efetiva dos EUA “ultrapassou os níveis alcançados durante a Grande Depressão, enquanto as contra-respostas dos principais parceiros comerciais elevaram significativamente a taxa global”.

As recomendações do Fundo, segundo Gourinchas, exigem prudência e a primeira prioridade “deve ser restaurar a estabilidade

da política comercial e forjar acordos mutuamente benéficos”. “A economia global precisa de um sistema comercial claro e previsível que resolva as lacunas de longa data nas regras de comércio internacional, incluindo o uso generalizado de barreiras não tarifárias ou outras medidas que distorcem o comércio. Isso exigirá maior cooperação”, afirmou.

Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, reconheceu que a preocupação do FMI com os impactos da guerra tarifária travada por Trump e que teve forte retaliação da China tende a desacelerar o crescimento da economia global e a provocar pressões inflacionárias, principalmente, nos Estados Unidos. “O tarifaço de Trump está criando uma nova desordem mundial e é o ponto chave das mudanças nas projeções globais”, afirmou. De acordo com o economista, devido às medidas de estímulo ao consumo que já começaram a serem adotadas pelo governo, como a liberação de saques do

Divulgação/FMI



Para o economista-chefe do fundo, Pierre-Olivier Gourinchas, os países devem agir com prudência

Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), nova linha de crédito consignado para trabalhadores da iniciativa privada e a antecipação do 13º salário dos aposentados — cuja primeira parcela estará disponível a partir de hoje —, o risco de recessão neste ano é remoto, especialmente com a perspectiva de que

Trump não conseguirá manter em pé as medidas protecionistas.

“A gente não prevê essa questão da recessão na economia global, porque o Trump vai acabar recuando. Essa guerra comercial é um jogo de perdedores. Ninguém ganha. E, por enquanto, as projeções recentes do FMI e de outros órgãos multilaterais

estão mais otimistas do que os alertas que eles estão fazendo”, afirmou Agostini. Ele tinha uma projeção mais pessimista do que o mercado para o PIB brasileiro deste ano, e, acaba de revisar de 1,5% para algo entre 1,7% a 1,8%, devido ao fato de os indicadores dos primeiros meses do ano indicarem uma atividade mais forte.